SÉRIE 3.ª

6.º ANNO

N.º 21

VOZ DE S. ANTONIO

Revista mensal illustrada

Abençoada por S. S. o Papa Leão XIII, pelo Ex.mo Ordinario e varios Prelados.

Setembro 1900

XIX

P. Marujho abt.ª

Freitas

Aos nossos assignantes da Ilha do Fayal (Açôres). — Havendo de retirar temporariamente d'aquella ilha o nosso dedicado correspondente, exc.mo snr. Caetano Augusto Moniz, fica o substituindo, prestando-nos o mesmo favor, o exc.mo snr. *Antonio Carvalho Alua — Rua Direita, — Horta (Ilha do Fayal).* — Pódem pois os nossos assignantes d'aquella ilha entregar a este senhor qualquer quantia que se destine á administração da *Voz de Santo Antonio.*

D'aqui enviamos a ambos a expressão sincera de nossa gratidão, com os votos ardentes que fazemos pelas melhoras do exc.mo snr. Caetano Augusto Moniz.

Advertencia.— Qualquer importancia, que haja de ser enviada ao snr. Thesoureiro da «Voz», deve ser dirigida com o seguinte endereço:

Domingos José de Souza Gomes—Pharmacia «Souza Gomes» — Braga.

S. Francisco de Salles

Tractado do amor de Deus

Traduzido em portuguez sobre a edição das Religiosas da Visitação de Annecy a favor das obras da casa annexa á Capella do Sagrado Coração de Jesus, da rua de Villar — Porto. Com permissão do Exc.mo e Rev.mo Snr. D. Antonio, Bispo de Porto.

Cada fasciculo de 24 pag., distribuido de 15 em 15 dias.

100 réis

pagos no acto da entrega.

NEMO

E PUR SI MUOVE!

(Affirmações e criticas)

PRIMEIRA PARTE: Affirmações: Cap. I, *Questão capital.* — Cap. II, *A sciencia.* — Cap. III, *Sciencia e fé.* — Cap. IV, *Sciencia e religião.* — Cap. V, *Giordano Bruno.* — Cap. VI, *Digressão historica.* — Cap. VII, *Sabios e crentes.* — Cap. VIII, *A noção de religião.* — Cap IX, *Galileu*

SEGUNDA PARTE: Criticas: Cap. I, *Um auto de fé.* — Cap. II, *Galileu Junior.* — Cap. III, *Um desforço.* — Cap. IV, *Lemandades.* — Cap. V, *Plano de combate.* — Cap VI, *O tribunal da historia.* — Cap. VII, *Verdades primordiaes.* — Cap. VIII, *Tal philosopho, tal critico.* — Cap. IX, *Pias fraudes.* — Cap. X, *La petite bête.* — Cap. XI, *Acrobatismos scientificos.* — Cap. XII, *A moral jesuitica.* — Cap. XIII, *Opiniões ou prejuizos?* — Cap. XIV, *E pur si muove!*

Um volume compacto de XIV-407 pag. Preço 500 réis. Nas livrarias e na administração do *Correio Nacional*, que o enviará franco de porte.

Almanach de Santo Antonio

para 1901

Deverá estar prompto, e á venda, em principios de novembro.

Estamos seguros de que terá a mesma acceitação que nos dois annos passados lhe foi dispensada; pois, pela nossa parte, procurámos melhoral-o e augmental-o em tudo.

Este anno tambem se vende encadernado — uma formosa encadernação de percalina, que será uma tentação para quem a vir... Os leitores e os nossos amigos nos dirão depois... E então por uma bagatela; pois o preço é de

250 réis em brochura
320 réis encadernado

Uma encadernação por 70 réis! Bem se vê que não é negocio de exploração.

Pedidos, acompanhados sempre da respectiva importancia, á administração da *Voz de Santo Antonio* — Braga.

Accedendo ao pedido que nos foi feito por alguns dos nossos assignantes resolvemos este anno addiccionar ao *Almanach de Santo Antonio* uma secção de annuncios.

Desejando apenas que os mesmos cubram as despezas feitas com sua impressão, custa simplesmente cada pagina 1$000 e cada meia pagina 600.

Se alguem desejar aproveitar-se queira enviar o annuncio ou topicos para os mesmos até ao dia 20 do corrente ao administrador da *Voz de Santo Antonio,* Braga acompanhado da importancia de pagina ou meia pagina como desejar.

Obra dos sellos usados

NOVAS OFFERTAS

Narcizo Alves de Macedo...	varios sellos
D. Angelina Salgueiro.....	» »
Antonio Brazil de Almeida (Açôres).....	» »
Luiz Ferreira de Sousa Cruz.	122 postaes
Padre Antonio Joaquim de Miranda	
Padre Antonio Martins de Freitas.....	1:714 sellos
Constantino de Abreu.....	6 postaes e varios sel.
D. Maria dos Desamparados Silverio de Paiva.....	varios sellos
Irmã Superiora do Hospital de Monsão.....	320 »
Caetano Bret.....	varios »
Francisco Esteves.....	» »
José Manoel Ribeiro Braga..	13 postaes

6.º ANNO — N.º 21 | 3.ª SERIE | SETEMBRO — 1900

VOZ DE S. ANTONIO

Redacção e Administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

Papelaria e Typographia Universal
DE AUGUSTO COSTA & PEREIRA

Editor
DOMINGOS JOSÉ DE SOUZA GOMES

SUMMARIO

S. Francisco de Assis.
I Parte — SECÇÃO DOUTRINAL: A Internacional branca. — Santo Protector para o mez de outubro. — Virtude a imitar. — Absolvição geral. — Indulgencias a lucrar.
II Parte — SECÇÃO HISTORICA: Florinhas de S. Francisco — Pensamentos — Anecdotas.
III Parte — LEITURAS AMENAS: A Cruz pintada.
IV Parte — CULTO DE S. ANTONIO: Restituição prodigiosa. — Novos membros da Pia União. — Braga. — Bragança. — Peniche. — Varatojo. — Reguengo do Fetal — Os cofres do Pão dos Pobres de Santo Antonio. — Recommendações especiaes. — Os nossos defuntos. — Estrangeiro.
V Parte — SECÇÃO SCIENTIFICO-LITTERARIA: Um inedito de D. Frei Alexandre da Sagrada Familia, tio de Garret. — Os Patriotas. — 8 de Setembro *(poesias)*. — Bibliographia. — As nossas illustrações.
VI Parte — CHRONICA UNIVERSAL.
Gravuras: O Patriarcha S. Francisco de Assis. — Desposorios de S. Francisco com a Santa Pobreza. — Claustros da Sé do Porto. — Seminario de Rachol (India Portugueza).

S. FRANCISCO DE ASSIS

QUAL o brilhante rei dos astros que, cada dia que desponta no horisonte, parece revestir novas galas, adornar-se de mais peregrinas bellezas, e offerecer aos que o contemplam encantos nunca vistos, assim Francisco de Assis, no grande firmamento do mundo moral, reveste uma tal importancia pelas qualidades excepcionaes do seu caracter e da missão que Deus lhe confiou através dos seculos, que, por mais que se estude, por mais que se admire, por mais que d'elle se fale, nunca se aprofunda sufficientemente, nem se chega a esgotar aquelle manancial riquissimo de ensinamentos, que, para o individuo social e religioso, dimanam do grande reformador do seculo XIII.

Um dia, quando ainda gentil guerreiro, sonhára vêr-se nas eminencias do poder, dominando o mundo, á frente d'um invencivel exercito, coroado de gloria. Despertado, sentiu-se apaixonado por essa grandeza que vira em sonho, mas crente que, no futuro, havia de realisar-se. Não mais se lhe apagou da mente aquella visão e tão profundamente se convenceu da verdade que ella encerrava, que firmemente prophetisou aos jovens guerreiros seus collegas, que um dia havia de ser grande perante o mundo e os seculos.

Então Francisco não sabia como isso se faria. O segredo do sonho não se desvendára ainda para elle. Todavia já começára a comprehender que

não era pela vereda que até ali seguira que poderia vêr realisadas, um dia, suas aspirações. Pensava, reflectia, meditava... Por fim a luz não tardou a fazer-se completa no seu espirito, e achou o que buscava.

Para logo a sociedade se lhe defrontou com todos os seus vicios, o mundo com todos os seus enganos, os homens com todos os seus caprichos, vaidades e preconceitos, e ainda os mesmos sabios com todos os seus erros, que adoravam como verdades inconcussas. E o mesmo foi contemplar á luz forte, que do Alto o illuminava já, este triste espectaculo a que a humanidade se via reduzida, que chorar sobre ella a sua ruina e pensar como salval-a da desgraça. Era esta a sua missão. Comprehendeu-a immediatamente, com aquella intuição de espirito que só é propria das intelligencias superiores, aquellas que Deus põe no meio das simples intelligencias vulgares, a brilhar como sóes por entre meros pontos luminosos. E ao mesmo tempo que assim comprehendia a sua missão, accendia-se-lhe no peito o fogo sagrado do zêlo pela rehabilitação da humanidade. Mas olha em redor de si e encontra-se só. Não desanima, porém; e, não podendo esperar auxilio dos que o não comprehendiam, vendo, por outro lado, que era chegada a hora de dar principio á sua obra, qual outro Saulo, rendido á voz do céo, que o chama para o apostolado das gentes, volta para o céo olhos e coração e exclama: «Senhor, aqui me tendes; que quereis que eu faça?» «Vae, Francisco e repara a minha casa».

E' a resposta que, mais prompta do que elle mesmo esperava, se faz desde logo ouvir. Com isto estava tudo dito. N'estas simples e breves palavras, encerrava-se uma epopeia de seculos, continham-se mysterios, que para muitos ainda hoje estão velados, entabolavam-se relações directas entre o Céo e Francisco, entre o proprietario da casa e o seu restaurador. Quanto tempo havia de durar essa restauração? Quanto durassem os seculos..! E' da sua propria natureza, é vicio de origem arruinar-se constantemente, como com a mesma constancia se restaura.

E' obvio que a casa d'aquelle Senhor, que pela bocca do prodigioso Crucifixo da vetusta capella de S. Damião, em Assis, ordenava a Francisco que a fôsse reparar, outra não póde ser, nem era, com effeito, senão a sociedade, a humanidade, o numero, emfim, dos que se destinam á grande mansão de Deus, na eternidade, e que, no tempo, se congregam, á maneira d'uma grande familia, na casa paterna, que é o mundo inteiro.

Realisara-se o sonho de Francisco de Assis, porque a mais alta honra não póde elevar-se um mortal que a ser chamado para cooperar na obra que mais custou a Deus: a Redempção. Não só a cooperar, mas a continuar até ao fim dos seculos essa obra, que Deus havia começado, e a ser, qual outro Christo, o novo reparador do genero humano. Não o fez Elle similhante a si? Não o fez nascer n'um presepio? Não lhe fez desposar a Pobreza? Não lhe imprimiu as Suas Chagas? E para que?... Mas o que importa é saber que Francisco de Assis é o *Reparador da Casa de Deus;* que esta Casa é a sociedade, e que toda a vez que ella ameaçar ruina é Francisco que tem de vir acudir-lhe e salval-a da derrocada.

Talvez haja quem julgue que exageramos; mas, se houver, apontar-lhe-emos para a historia — tão mal estu-

dada, tão ignorada infelizmente — e a historia não se nega. O que pretendemos é que *todos* se convençam que se querem salvar a sociedade é preciso inocular-lhe o espirito de S. Francisco de Assis.

Mas primeiro é preciso comprehendêl-o, e para o comprehender é preciso estudál-o. Assim o entenderam os Papas, desde Gregorio IX e Innocencio III, até Pio IX e Leão XIII. Assim o proclamam ainda hoje todos os sociologos christãos, que a fundo meditam os altos problemas sociaes. E assim tambem o reconhecem os mesmos protestantes, de rectas intenções, entre os quaes nos seja licito citar apenas um nome, o de Paulo Sabatier, que se orgulha de estudar a vida e as instituições do humilde Patriarcha dos pobres, debaixo do ponto de vista da sua grandeza moral, e da magna influencia que tudo quanto lhe diz respeito é chamado a exercer nas massas sociaes de todos os tempos. E' um conselho que damos a quantos se propõem hoje — e são muitos, mercê de Deus, — orientar christãmente a classe popular, embebida de tão perniciosos erros.

Apontem-lhe a figura sympathica de Francisco de Assis, que ninguem a desprestigia. Os resultados, entre nós, não serão, certamente, menos fecundos que os já obtidos na Allemanha e na Belgica, e algo na França e na Italia. Mas, repetimos, é indispensavel estudar S. Francisco de Assis, penetrar o seu espirito, perceber a sua missão, conhecer, n'uma palavra, que o Governador Supremo da humanidade o escolheu para *Restaurador* da Sua Casa, isto é da mesma humanidade decaida. Assim se verá como Aquelle Sol que leva 7 seculos de rotação pelo horisonte da sociedade christã, apesar de todos os dias contemplado e admirado, encerra bellezas que as modernas gerações desconhecem por completo.

SECÇÃO DOUTRINAL

A INTERNACIONAL BRANCA

QUANDO os leitores receberem o presente numero da *Voz de Santo Antonio*, ter-se-á já celebrado em Roma o *Congresso Internacional* da Ordem Terceira, a que por vezes nos temos referido aqui. A proposito d'este Congresso transcrevemos alguns periodos d'uma eloquente circular com que o M. R. P. Antonio de Trobaso, Ministro Provincial da Provincia de Milão, o annunciou aos seus subditos e ás Fraternidades da sua Provincia, convidando os a irem a Roma por occasião do Congresso.

«Ha uma *Internacional vermelha*, nascida na Inglaterra em 1847; é seu fim unir em estreito laço aos trabalhadores de todos os paizes para defenderem seus proprios interesses contra a propriedade particular e os privilegios das classes superiores.

Tambem existe uma *Internacional negra*, que se propõe a confederação de todos os inimigos do sobrenatural, a fim de defenderem os pretensos direitos do homem contra os direitos indiscutiveis de Deus, da Religião e da moral.

Estas duas *Internacionaes*, favoritas da corrupção moderna e engrandecidas por sua mutua solidariedade, são o socialismo e a maçonaria; em suas mãos está de algum modo a sorte dos povos.

Ha sete seculos que Francisco d'Assis criou uma *Internacional branca*, chamando a alistar-se n'ella a todos os homens de boa vontade, aos nobres e aos plebeus, aos fracos e aos poderosos, aos ricos e aos pobres, aos sabios e aos ignorantes, aos que téem familia e aos que vivem isolados, aos clerigos e aos leigos, a todos, homens e mulheres, jovens e anciãos, seja qual fôr a nação a que pertençam. Uma vez que possuissem a fé de Jesus Christo e estivessem dispostos a seguir a lei evangelica, todos

eram convidados a defender os direitos de Deus, da Igreja e do povo, a trabalhar para que Jesus Christo reine nas almas, na familia e na sociedade. A Instituição de Francisco tornou-se para logo uma associação cosmopolita; sua bandeira fluctua sobre todos os povos, bemdita de todas as gentes. Com Christovão Colombo, uma das glorias da Ordem Terceira, transpoz os mares e tomou posse da America.

Hoje succede o mesmo: por onde quer que se levanta a cruz, ali fluctua tambem a bandeira branca de Francisco.

S. Francisco fundou sua Internacional de justiça, de verdade e de paz a qual ainda hoje nos apparece em toda a sua exuberante pujança. No entanto os membros d'esta associação immensa não se conhecem entre si; filhos de um mesmo pae, com identico fervor e enthusiasmo invocam a seu Pae commum S. Francisco, mas ainda se não estreitaram as mãos, ainda não sentiram a doçura e a força dos laços que prendem os individuos de uma mesma familia. Para relacionar-se entre si, os impios sóem utilisar-se do vapor, do telegrapho, do telephone, em conjuração satanica e terrivel contra a ordem, a paz e a verdade. Ora Leão XIII convida a grande familia franciscana a reunir-se para receber novos alentos e maiores estimulos. Habituados a considerar-nos pouco numerosos apresentamo-nos timidos e em demasia vacillantes em face de inimigos colligados, que em um só dia destroem todo nosso trabalho de um anno. Leão XIII despertou ao mundo franciscano; e de toda a parte vae surgir uma numerosa phalange, e ao reunir-nos, iremos encontrar-nos vestidos do mesmo habito penetrados do mesmo espirito, professando a mesma regra e representando na diversidade de todas as linguas a milhares e milhares de irmãos disseminados por todo mundo.

Será esse, em verdade, um espectaculo sobremaneira grandioso e consolador, que alentará o esforço a todos que n'elle tomarem parte. D'esta sorte hão de reproduzir-se as scenas grandiosas das antigas cruzadas, nas quaes se associavam em estreita união os estandartes de todos os povos, a formar um exercito formidavel.

O congresso ha de ser internacional, quer dizer: que cada uma das mil e mil congregações terceiras disseminadas pelo mundo, se fará ali representar; todas levarão o seu contingente de proposições, conselhos, desejos, aspirações. O programma dado por S. Francisco á sua Ordem é um programma positivo para regeneração completa da sociedade, modelado pelo que Jesus Christo deu aos apostolos: *instaurare omnia in Christo*. Este em summa o fim a que dirigia suas visitas o Seraphico Patriarcha.

Restaurar as idéas, os sentimentos, os costumes, a vida; a vida intima ou individual, a vida familiar e a vida social.

Restaurar a fé, e com ella a sciencia e a arte; o culto de Deus e com elle o culto da verdade e do bello; a moral, e d'esta fórma o respeito a Deus, a si proprio e a todos os homens.

Restaurar a consciencia individual, despertando o sentimento da personalidade e da nobreza humana, o amor ao dever, o culto do bem, o odio ao mal e o apreço da virtude.

Restaurar a consciencia social, inoculando a governantes e governados o espirito de Jesus Christo, que é espirito de justiça e de caridade, que estabelece entre todos como que um fluxo e refluxo de caridade christã para attender ás necessidades moraes e economicas de todos; aquella igualdade que não destroe os diversos graus da gerarchia social nem suscita revoluções ou discordias, senão que a cada um dá a parte que lhe toca dos bens e das obras da communidade.

O programma da Ordem Terceira é muito vasto e complexo; estudado em cada paiz, elle nos offerece abundante variedade de instituições, associações, obras religiosas, moraes, litterarias, scientificas e economicas.

Com rasão pôde dizer o P. Mauro Ricci: «tudo o que a Igreja possue, de S. Francisco para cá, na piedade, religião e instituições novas, ou é franciscano ou é inspirado pelo espirito franciscano.»

Reunidos em assembléa geral, ouviremos da bocca dos nossos irmãos de todos os paizes os projectos e trabalhos que téem levado a cabo os religiosos e elles mesmos, no intuito de cimentar a fé e augmentar a piedade, para bem da religião e da sociedade christã.

Muitos de entre nós, por não dizer a maioria dos franciscanos de Italia, até estes ultimos tempos, e porventura ainda ho-

je talvez, apezar das affirmações em contrario de Leão XIII e do testemunho da tradição, téem estado na persuasão de que a acção da Ordem Terceira deve circumscrever-se aos limites da oração e piedade religiosa. Pois bem, temos necessidade de vêr praticamente e de ouvir da bocca de homens competentes em historia e na marcha dos factos, que o horizonte da acção franciscana é muito mais extenso, e seu programma bem mais fecundo, do que geralmente se pensa. Isso veremos e ouviremos no proximo congresso internacional, onde se apresentará a multidão grandiosa das obras realisadas pelos terceiros do mundo inteiro, para bem da religião e da sociedade.

Nossos irmãos nos falarão de peregrinações, manifestações de fé, reuniões, congressos, orações publicas, exercicios espirituaes, conferencias, prégações, communhões, obras todas effeituadas pela Ordem Terceira para exalçar a fé e reaccender no mundo aquella fervente piedade de nossos paes.

No futuro congresso far-se-ha menção das obras de beneficencia e caridade, do pão dos pobres, da assistencia aos enfermos, orfãos, invalidos, e abandonados, das instituições economicas, asylos gratuitos, associações populares, e de tudo quanto os Terceiros téem fundado ou fomentado para bem dos indigentes.

Falar-se-ha tambem dos periodicos religiosos e sociaes, bibliothecas, sociedades scientificas, corporações de artistas, syndicatos, circulos operarios, e de tudo quanto entra na solução do grande problema social.

Occupar-nos-hemos das Congregações Terceiras Sacerdotaes, das que se hão erigido nas Universidades para attrair a flôr da juventude estudiosa, destinada a levar ao seio do povo o fermento das idéas de regeneração, fomentando a manifestação da pureza de vida christã, a força dos martyres, e o zêlo dos apostolos com a sabedoria dos doutores.

Como se vê, um campo immenso, de horisontes novos e infinitos se abrirá a nossa comtemplação maravilhada.

O Congresso tem logar em Roma, no Anno Santo do Jubileu, anno de reconciliação da sociedade com Deus».

Conclue fazendo um caloroso appêllo aos Terceiros de sua Provincia, para que todos collaborem no bom exito do Congresso, e n'esse sentido dá opportunas instrucções praticas.

Santo Protector para o mez de outubro

O B. João da Penha, *C. da 1.ª O. (5 de outubro).* — Foi um dos mais insignes discipulos de S. Francisco, e, por suas virtudes e vida exemplarissima, bem digno da honra que o céo lhe concedeu, — de pertencer áquella gloriosissima phalange de Santos, que fôram os primeiros companheiros de S. Francisco. Sendo ainda novo, lhe appareceu um anjo, annunciando-lhe que, após uma longa viagem, iria receber no céo o premio de suas virtudes. Julgou o Santo que estaria para breve o seu desenlace, e que a jornada de que o anjo lhe falára, havia de ser, sem duvida, alguma d'aquellas suas interminaveis excursões apostolicas, por toda a Italia. Mas fôram-se passando annos após annos, e nunca chegava o anceiado termo da viagem; por fórma que já o Santo desanimava, julgando que o anjo o enganára. E n'esta desconfiança se sentou um dia, chorando, debaixo de uma arvore. Appareceu então outra vez o anjo, e lhe fez vêr que a longa viagem de que lhe falára, era a peregrinação de sua longa vida por este mundo; que já se approximava o seu termo, pois em breve morreria; mas não antes que soffresse amargos dissabores e indiziveis trabalhos n'este mundo, os quaes, não só lhe haviam de assegurar a bemaventurança, mas o haviam tambem de livrar das penas do Purgatorio.

Assim foi. Passados alguns annos, durante os quaes o Santo soffreu os trabalhos, doenças e perseguições que o mensageiro celeste lhe annunciára, foi receber no céo o premio de suas virtudes e vida heroica.

Virtude a imitar

A paciencia nas enfermidades e doenças. — O soffrimento é quasi uma necessidade para o homem que vive n'este mundo; necessidade por tal modo urgente e inilludivel, que até o proprio Auctor da natureza, vindo a este mundo para redimir o homem, não quiz fazel-o senão sujeitando-se a todas as dôres e soffrimentos que amarguram os tristes dias de nosso peregrinar pela terra

E sendo assim, não temos senão *fazer da necessidade virtude.* Soffrer é uma necessidade; pois saibamos, soffrendo, enthesourar para o céo inapreciaveis thesouros de merecimentos.

Absolvição geral

No dia 4 — Festa de N. Seraphico Padre S. Francisco.

Indulgencias a lucrar

Plenarias :

1 — No dia 4 festa de *Nosso Seraphico Padre S. Francisco*, inclyto fundador das tres Ordens.

2 — No dia 6, S. Maria Francisca, virgem da 2.ª Ordem.

3 — No dia 13, Santos Daniel e companheiros martyres da 1.ª Ordem.

4 — No dia 19, S. Pedro de Alcantara confessor da 1.ª Ordem.

5 — No dia 23, S. João de Capistrano, da 1.ª Ordem.

Parciaes :

1 — Em cada dia do mez,—300 dias de indulgencias.

2 — Nos dias 6, 13, 20, 27,—cem dias de indulgencias.

3 — Nos dias 1, 7, 8, 14, 15, 21, 22, 28 e 29,—198 annos e outras tantas quarentenas.

4 — Nos dias 4, festa de N. P. S. Francisco; 6, Santa Maria Francisca ; 13 Santos Daniel etc.: 19, S. Pedro de Alcantara ; 23, S. João de Capistrano ; 31, S. Felix de Cantalicio, capuchinho, — 256 annos e 50 quarentenas.

Para lucrar estas indulgencias, requer-se a visita d'uma igreja franciscana, ou d'outra qualquer ordem mendicante, e que se rezem ahi tres *Padre Nossos*, tres *Ave Marias* e tres *Gloria Patri* em honra da SS. Trindade.

Os fieis que assistirem á recitação do *Rosario, ladainha e benção do SS. Sacramento* durante todo o mez de outubro, satisfazendo d'este modo aos desejos do Augustissimo Papa Leão XIII, manifestados em dois decretos da S. Congregação dos Ritos, datados do dia 20 de agosto de 1885, e 26 de agosto de 1886, pódem ganhar as indulgencias seguintes, pedindo ao Altissimo se digne melhorar *a tristissima situação da Igreja Catholica*, e conceder *plena liberdade ao Summo Pontifice:* 1 indulgencia de *sete annos e sete quarentenas* assistindo a recitação *publica* do *Rosario;* e os que não poderem assistir pessoalmente, pódem igualmente ganhar esta indulgencia rezando o rosario *em particular:* 2.º indulgencia *plenaria* aos que durante o mez de outubro, assistirem, *pelo menos dez vezes* á recitação publica do *Rosario*, ou não podendo assistir, o rezarem em particular *outras tantas* vezes, contanto que uns e outros se tenham confessado e recebido a sagrada communhão : 3.º indulgencia *plenaria* áquelles que, tendo confessado seus peccados e recebido a Sagrada Eucharistia, orarem a Deus e á sua SS. Mãe, em logar sagrado segundo a mente de Sua Santidade.

Os fieis que recitarem a oração a S. José no fim do *Rosario* todos os dias do mez de outubro ganham a indulgencia de *sete annos e outras tantas quarentenas;* por concessão, porém, do actual Pontifice Leão XIII, pódem ganhar mais *trezentos dias* uma vez cada dia, ainda que a recitem em particular, e esta indulgencia é *applicavel* ás almas do purgatorio.

Além de todas estas indulgencias pódem os Irmãos Terceiros lucrar mais as seguintes :

Uma plenaria em qualquer dia do mez á sua escolha ; outra no dia da reunião mensal nas condições ordinarias : outra *plenaria* na hora da morte, invocando o *SS. Nome de Jesus* com a bocca, e, não podendo assim, invocando-o só mentalmente ; mais uma nos dias acima notados em que se dá a absolvição geral ; igual indulgencia ganha quem rezar cinco vezes o *Padre Nosso*, *Ave Maria* e *Gloria Patri* pela liberdade da Igreja ; finalmente tantas indulgencias plenarias, quantas as vezes que rezarem a *Estação do SS. Sacramento*, isto é, seis *Padre Nossos*, seis *Ave Marias* e seis *Gloria Patri* com todas as mais indulgencias de Roma, Logares Santos, Assis e Compostella

As indulgencias que são concedidas sob condição de que se visite uma igreja franciscana, pódem lucrar-se, onde não houver taes igrejas, visitando a igreja onde está erecta a respectiva fraternidade, ou, na falta d'ella, a igreja paro chial.

Por ultimo, conheçam os Irmãos Terceiros que tanto estas indulgencias como qualquer outra obra meritoria, pódem ser applicadas pelas almas do Purgatorio. Aconselha-se pois, que não omittam um tão bello acto de caridade em favor das almas tão queridas de Deus.

SECÇÃO HISTORICA

FLORINHAS DE S. FRANCISCO

CAPITULO XL

Do milagre que Deus fez quando Santo Antonio, estando em Rimini, prégou aos peixes do mar.

ENTRE outras, uma vez, querendo Christo bemdito pôr em evidencia a santidade do seu fiel servo Santo Antonio, e como devotamente eram para ouvir sua prégação e doutrina, reprehendeu a indifferença gelida dos herejes por via dos animaes não racionaes — os peixes, como antigamente no Velho Testamento, pela bocca da jumenta, tinha verberado a ignorancia de Balaam.

Estando, pois, uma vez em Rimini, onde abundavam os herejes, e ardendo em santo zêlo de os reduzir ao lume da fé verdadeira e ao caminho da virtude, deu em prégar-lhes e disputar com elles ácerca da fé de Christo e da Sagrada Escriptura.

Elles, porém, não assentiam a suas santas practicas, e como endurecidos e obsti-

nados que eram, nem ao menos se davam ao trabalho d'ouvi-lo. Um dia que isto succedeu, dirigiu-se Santo Antonio por divina inspiração á margem do rio perto do mar. E ahi entre o mar e o rio, começou com estes dizeres que endereçou a modo de sermão aos peixes:

«Ouvi a palavra de Deus, vós peixes do mar e do rio, pois que os ferrenhos herejes não a querem ouvir». E, mal tinha pronunciado estas palavras, eis que se approxima da margem um cardume de peixes grandes, pequenos e medios, como nunca se tinha visto ahi em tamanha multidão.

Todos com a cabecinha fóra d'agua, todos attentando em Santo Antonio e todos em irreprehensivel paz, mansidão e ordem: porquanto mais achegados a terra eram os peixes pequenos, em seguida os medios, e atraz, onde as aguas eram mais volumosas, os maiores.

Aos peixes, que estavam assim em tão bôa ordem, começou Santo Antonio a prégar solemnemente, dizendo assim:

«Meus irmãos peixes, grave obrigação vos corre de agradecer, como possivel vos fôr, a nosso Creador os beneficios de que vos ha cumulado: deu-vos por habitação o seio movel e flacido das aguas; como vos prazer, aqui tendes aguas dôces ou salgadas; mil grutas aqui tendes onde escapar ás tempestades; a vossa habitação é clara e transparente, n'ella abunda a comida com que vos podeis sustentar.

«Generoso e benigno Deus, quando vos creou, deu-vos o mandamento de crescer e multiplicar-vos, e cobriu-vos de sua benção; depois, pelo diluvio, emquanto os demais animaes pereciam, vós ficaveis indemnes; mais, dá-vos barbatanas que á laia d'azas, vos facultam o correr todos esses mares; concedido vos foi conservar o propheta Jonas, e ao cabo de tres dias lançalo em terra são e salvo; a Christo, que como pobre não tinha com que pagar o censo, vós lh'o offerecestes; vós fôstes comida do eterno Rei Christo antes da resurreição e depois, por singular mysterio. Já vêdes como estaes obrigados a louvar e bemdizer Deus que vos dispensou tantos e taes beneficios, mais que ás outras creaturas».

A estas e similhantes palavras do Santo começaram os peixes a abrir a bocca, a inclinar a cabeça, e com estes e outros signaes de reverencia, como lhes era possivel, louvaram Deus.

Então Santo Antonio, vendo tanta reverencia dos peixes para com Deus, seu Creador, cheio d'alegria espiritual, disse em alta voz: «Bemdito seja Deus eterno, porque mais o honram os peixes do mar que os homens infieis; e melhor ouvem a sua palavra os animaes irracionaes que os herejes».

E quanto mais Santo Antonio prégava, mais crescia a multidão dos peixes, e nenhum partia do logar que tomára. Ao rumôr d'este milagre começou a accorrer o povo da cidade, no meio do qual vinham os taes herejes, que vendo tão maravilhoso e manifesto milagre, compungidos de coração, lançaram-se aos pés de Santo Antonio, para ouvir a sua palavra.

Santo Antonio prégou-lhes então ácerca da fé catholica; e tão sublimemente prégou que todos aquelles herejes se converteram e tornaram á fé de Christo; e os fieis ficaram todos mui consolados e fortalecidos na sua crença. E, feito isto, despediu Santo Antonio aos peixes com a benção de Deus; e todos se fôram jubilosos.

Santo Antonio ainda se demorou em Rimini por muitos dias, prégando e fazendo muito fructo espiritual nas almas.

Pensamentos

A roda que se pinta á fortuna deve ser de engenho de nora, onde os homens são alcatruzes, uns cheios, outros vazios, uns no fundo, outros no alto. D. Francisco Manuel.

✦

O homem é um enfermo que se revolve em suas proprias dôres toda a vez que se aparta de Deus, e a luz da razão que elle suffoca deixa-o no meio d'uma horrorosa escuridão. — Ganganelli.

✦

Quanto mais se escondem e humilham os talentos e as virtudes, tanto mais se empenha a voz da fama em os fazer conhecidos e patentes. *Idem.*

✦

A paixão sempre mistura os seus toxicos ao seu mel: é primeiramente a conselheira dos delictos, e depois é o algoz dos delinquentes.

A paixão, que ao principio é modesta, não conhece limites; é um sorvedouro, uma voragem profundissima.

José Agostinho de Macedo

O Patriarcha S. Francisco de Assis

Tres coisas com as quaes «deve» e «não deve» parecer-se a mulher. — São as seguintes, segundo um auctor inglez, as tres coisas com que a mulher *deve* e *não deve* parecer-se:

1.ª *Deve* parecer-se com o CARACOL em não sair nunca de sua casa; mas *não deve* parecer-se com elle em trazer sempre sobre si tudo quanto possue.

2.ª *Deve* parecer se com o ECCO, que não fala nunca senão para responder; mas *não deve* parecer-se com elle em dizer sempre a ultima palavra. (Porque, antes de chegar a ultima, teria que dar á lingua... eu sei lá por quanto tempo!..)

3.ª *Deve* parecer-se com o RELOGIO da cidade, que ha de sempre andar perfeitamente regulado; mas *não deve* parecer-se com elle em que, como áquelle, toda a cidade a oiça.

ANECDOTAS

Gracejos dos antigos gregos. — Hierocles querendo metter a ridiculo um pedante, disse as seguintes anecdotas:

1.ª — Um pedante, na primeira tentativa que fez para nadar, esteve a ponto de afogar-se; jurou portanto, que não tornaria a chegar-se á agua antes de ter aprendido bem a nadar.

2.ª — Outro, querendo vender umas casas, tirou uma pedra das paredes, a qual trazia comsigo para amostra.

3.ª — Outro, querendo saber se ficaria bonito estando a dormir, poz-se diante d'um espelho com os olhos fechados.

4.ª — Outro, encontrando um medico, quiz esconder-se; perguntou-lhe este porque o fazia. Respondeu: ha já tanto tempo que não estou doente que é uma vergonha; por isso não lhe queria falar.

5.ª — Outro, encontrando um seu parceiro disse-lhe: Ouvi dizer que Você tinha morrido! — Tornou-lhe o outro: mas agora vê que estou vivo. — Assim me diz Você, mas quem m'o affirmou era pessoa de muito credito.

6.ª — Outro ouvindo dizer que as gralhas viviam 200 annos, comprou uma para fazer a experiencia.

7.ª — Outro, em certa viagem, estando a ponto de naufragar, e vendo os demais passageiros agarrados a taboas, agarrou-se á ancora para não ir ao fundo.

8.ª Viajavam juntos um barbeiro, um pedante e um calvo; veio a noite, e ajustaram entre si que cada um velasse 4 horas emquanto os dois dormiam. Tocou o primeiro quarto ao barbeiro, o qual, tanto que viu os companheiros profundamente adormecidos, foi-se á cabeça do pedante, e, muito ao de leve, rapou-lh'a toda. Passadas as 4 horas acordou-os. Despertado, o pobre homem bocejou, espreguiçou-se, entrou a coçar na cabeça, e achando a lisa como a palma da mão, exclamou:

— Olhem que pedaço de bruto é o mestre barbeiro! em vez de me acordar a mim vae acordar o calvo!

*

N'uma escóla de aldeia:

— Menino, que fizeram os hebreus, depois de terem atravessado o mar Vermelho?

— Puzeram-se a seccar ao sol.

Discurso concludente

Um grave doutor se ufana
Em provar que a especie humana
Nem toda é filha de Adão;
Mas seu discurso indiscreto
Demonstra só, que elle é neto
Da burra de Balaão.

J. S. GOMES.

Leituras amenas

A CRUZ PINTADA

ROQUE era um pobre official de camartello; um bellissimo rapaz: costumes exemplares, optimo coração; mas com a cabeça sempre ás aranhas.

O padre é que tinha de atural-o; pois é de saber-se, que o nosso Roque, andava quasi sempre em questão, com o Parocho da freguezia, que se esforçava por aclarar aquelle chilro e turvo miôlo.

Um dia tinha o padre prégado um eloquente sermão, tomando por thêma aquellas palavras de S. Matheus: «*Todo aquelle que não tomar a sua cruz e me seguir não é digno de mim*»: ahi pela volta do meio dia, entrementes que se apromptava o jantar, passeiava em frente de sua residencia, quando vê, a distancia, caminhar para elle, de carapuço na mão, o endiabrado Roque.

«Temos séca», pensou sorrindo-se.

— Bons dias snr. Prior! disse Roque, dobrando, um quarto de circumferencia, a espinha dorsal, chapando ao mesmo tempo nas costas da mão do Padre um mui devoto e chiado beijo.

— Adeus, meu rapaz. Então, o que temos de novo? vieste hoje ao sermão?

— Vim, *sé senhor*, mas... se não fôsse por vergonha...

— Se não fôsse por vergonha, o quê? Tens alguma coisa a dizer? desembucha lá, rapaz; como se tu tivesses alguma vergonha n'essa cara!... anda, dize...

— Se não fôsse por vergonha... dizia-

lhe que... se lá não fôsse não tinha perdido nada.

— Porquê? aposto que estiveste a dormir.

— Não, não estive a dormir.

— Então o que foi?

— O que foi, é que V. Rev.ma poz-se lá a dizer no pulpito, que Deus N. Senhor, tinha ensinado que «*quem não tomar a sua cruz e o seguir não é digno d'elle*».

— E d'ahi?

— E d'ahi, é que eu escuso de mais cruzes nenhumas; basta-me uma, com que, aguento ha mais de que tempos, e que me não larga nem á mão de Deus Padre; e o caso é que não tenho outro remedio se não amargál-a!

— Oh! que enorme cruz, não ha de ser a tua, Roque, para eu a não vêr!! Ora dize-me cá: tu gozas d'uma saude de ferro; doenças é coisa que nunca te passou pelas costas; achaques, nunca tomaste um chá de malvas; não tens dividas; não tens inimigos; não tens...

— Não tenho, não tenho, não tenho... não tenho mas é dinheiro (atalhou Roque já um boccado azêdo); e isto de não ter dinheiro, snr. Prior, é peór cruz que a de Christo!...

— Que estás tu pr'ahi a dizer, tolinho?!... então o não ter dinheiro é peór cruz que a de Christo?!... pois vamos já experimentál-o. Quanto ganhas n'um dia de trabalho?

— P'rá'hi um cruzadito.

— Um cruzado?... pois bem, dou-te um quartinho, todos os dias, sem que te seja preciso trabalhar; não terás mais nada a fazer, que andar por toda a villa, com uma cruz pintada nas costas. Acceitas?...

— Olhe snr. Prior, não brinque, que eu não estou hoje lá muito para zombarias.

— Não zombo, homem; falo serio, e muito serio. Porque tu, meu Roque, tens a cabeça muito dura, e só a poder de muito malhar é que aprendes.

— Mas... V. Rev.ma disse que... interrompeu o pobre jornaleiro, n'um tom parvo e tôlo; poisque, parvissimo de contente ficara elle, em vêr que o sacerdote, lhe não fazia a proposta a rir, mas como quem tencionava cumpril-a.

— Disse que te dava um quartinho, se andares pelas ruas e praças da villa com uma cruz pintada nas costas.

— E V. Rev.ma dá-m'o?!...

— Dou, sim; contanto, já se vê, que cumpras as condições.

— E quando é que começa?

— A'manhã; vem cá amanhã, antes da missa do dia.

— E já ámanhã me dá o quartinho?

— Dou-t'o já ámanhã, dou, homem dos meus peccados; parece que desconfias de mim.

— Pois então, adeus até ámanhã snr. Prior.

E chapou-lhe com outro beijo ainda mais devota e prolongadamente chiado, que o da saudação.

Roque estava doido de contentamento.

— Um quartinho por dia!... e sem trabalhar!... oh! oh! oh!... que pechincha!... Por esta é que eu nunca esperei!

E Roque pulava, saltava com uma alegria... quasi não cabia dentro da pelle. Pois de noite! fôssem lá falar-lhe em dormir!

Mal as palpebras, arrastadas pela força magnetica que de continuo as estão attrahindo mutuamente, se queriam unir, immediatamente lhe acudia a figura magra e sêcca do Prior, mas muito compromettida, a tirar quartinhos de dentro d'um pé de meia, e elle a aparál-os, agora com uma mão; depois aquella encheu-se e elle a aparar com as duas, e os quartinhos a cair... a cair... a cair; e o Padre Prior a ficar mal... os quartinhos sempre enchendo-lhe os mãos... e o Padre Prior sempre a ficar mal... e elle já a ter penna do Padre Prior e a dizer-lhe: basta basta... deixe... não quero mais... isto já me chega para eu viver...»

E como o bom do Roque sorria! que suave alegria lhe brincava no rosto! Mas... abria os olhos e... adeus... só via as telhas do seu quarto.

Mal presentiu que o dia não estava longe, eil-o á porta do Parocho, á espera; e com que impaciencia!

Emfim, depois d'um eterno esperar lá appareceu o homem á porta.

— Olá!... já por aqui?! queres então a cruz nas costas, não é assim? Sempre és muito tôlo, Roque, sempre és muito tôlo! has de vêr como esta cruz, ainda antes de poucas horas, te pezará muito mais, que ess'outra, que tanto lamentas, e aprenderás á tua custa a conformar-te com o que de ti determinou Deus Nosso Senhor.

— Ora!... pinte-me V. Rev.ma lá a cruz, e dê-me o quartinho, que o resto fica por minha conta.

O bom padre pegou d'um pedaço de giz, e traçou-lhe dois riscos, mas bem grossos, em toda a amplidão do enorme costado; em seguida Roque, foi para a missa: á cautella, porém, foi-se pondo junto da porta.

Ainda bem se não tinha ajoelhado, e um amigo a segredar-lhe ao ouvido:

— O' Roque, olha que tens dois riscos de cal nas costas.

— Bem sei; deixa-os estar.

O outro, olhou para elle, assim um boccado de esguelha, franziu as sobrancelhas, estendeu os beiços, encolheu os hombros e pensou lá comsigo: «está tôlo, por força...»

Passados momentos, diz-lhe um individuo que se ajoelhára por detraz d'elle.

— Rapaz, vae sacudir o jaleco, que está sujo de cal.

— Obrigado, pelo aviso, mas já o sabia.

— Tens uma cruz pintada nas costas, Roque; — cochichou-lhe uma velhota que ia a entrar.

— E que lhe importa a vocemecê? deixe estar o que está; vá lá pr'ó canto mastigar os seus *padre-nossos* e não se importe comigo... Raça da velha...

Roque já não estava bom, com tanta advertencia.

Acabou a missa, e o rapaz saiu para o adro. Ahi é que fôram ellas! Não lhes digo nada... saltou-lhe em cima, uma tal tempestade de perguntas, de explicações, de advertencias, de zombarias, de dichotes, que Roque pôz-se fulo de cólera; — e para não fazer por ahi algum destempêro, desenvencilhou-se, conforme pôde, e o mais depressa que pôde, dos curiosos do adro, e, segundo o ajuste, deu em passeiar pelas ruas e praças da villa.

Dois passos fóra do adro, e, dá de cara com uns amigos, que, troçando, o advertem de que levava dois riscos nas costas.

— Co'a bréca! e que téem vocês que eu traga riscos ou riscas ou...

— Ah! tu vens co'a môsca?! Anda á tua vontade homem; és senhor das tuas costas, pódes trazer n'ellas pintado o que muito bem te parecer, que a nós tanto se nos dá como se nos deu!... sabes que mais?!... pinta tambem os focinhos... e adeus!

Roque já não via!

Mas os quartinhos...

No entanto, a cruz pintada já se ia tornando insuportavel, e se não tinha já pegado d'uma pouca de carqueja e sacudido aquelles traços, era mais por brios que por outra coisa.

Caminhava o nosso *cruzado* por uma rua, e, ao dobrar uma esquina, vê-se, como por encanto, cercado d'um bando de rapazes, que, sem elle o presentir, lhe andavam no encalço.

Era o que lhe faltava! Pobre Roque! os quartinhos saem-te caros.

— Olha o doido!..

— Traz!

Um formidabilissimo cachação atirou de ventas o garôto, que mal teve tempo de acabar a saudação.

Aquillo, porém, foi o levantamento da antiphona.

Olha o doido!!... olha o doido!!... doido! doido! Eh!... eh da cruz! ehhh!... E a garotada, berrando sempre em *crescendo*, fazia uma algazarra medonha, ensurdecedora, horrivel, infernal.

Roque, no meio d'aquella canalha, parecia um endemoninhado... eram pés, eram mãos, eram braços, era cabeça, tudo se movia em roda viva... empurrão para um lado, sôco para o outro; murro n'este, pontapé n'aquelle; ameaçava, gritava estrebuchava...; e a garotada, similhante a um enxame de vespas assanhadas, formigavam por todos os lados em volta do desgraçado, que lhe caíra em graça.

Havia já bons cinco minutos que durava esta scena, quando uma pedra jogada contra o pobre de Roque veio advertil-o de que tratasse de dar ás de villa-diogo, se não queria deixar ali o bento costado.

E feliz d'elle, que o fez tão depressa, pois immediatamente os outros, incitados, ou melhor lembrados pelo companheiro, se lançam atraz do desgraçado e... pedra que fervia sobre as costas do doido feito á pressa.

Roque, enfunado por tão boas auras, não corria com cem pés, voava com mil azas! aquillo nem olhava para o caminho... era correr, correr, correr com toda a alma e com todo o coração e com todo o adejar dos braços e com toda a velocidade das pernas!

E o rapazio berrando cada vez mais, e as pedras cada vez com mais força nas costas.

N'isto embica e o carapuço saltou-lhe da cabeça, ao mesmo tempo que uma pedra toava n'ella, como em cabaça com dez mezes de fumeiro.

Ai! ai!... gritou Roque, levando as mãos á cabeça donde escorria sangue em abundancia.

Foi só á vista d'aquelle argumento, que o homem acabou de dar na tolice que fizera.

Mas agora, quaes — *ai ai?!* é dar ás canellas, se não quizer *espichar a canella* debaixo d'aquella legião de mil demonios, que outra coisa não são rapazes, armados da sua arma favorita, as pedras.

Por isso Roque, guardando as lamentações para hora de mais repouso e menos apertos, levanta-se rapido, e ainda com mais velocidade move o pé de traz.

A multidão do rapazio, porém, augmentava a momentos, e a fortuna do triste e infeliz *cruzado*, foi encontrar-se á porta do Parocho, que n'aquelle momento, atrahido pelo infernal gralhido da garotada, saía de casa.

Roque, sem mais licenças nem meias licenças, enfia pela porta dentro, dando até um encontrão no Prior e fazendo-lhe bater com as costas na chave; e ali, atirando-se para cima d'um banco arquejava como um cavallo depois de duas horas de carreira a toda a brida.

Descançou alguns momentos, e, arrancando dos pulmões uma assopradella, capaz de pôr em movimento uma secção de moinhos hollandezes, diz para o padre:

— Snr. Prior, apague-me esta cruz das costas, e depressa, se não quizer ter ámanhã um enterro! Tire-me isto das costas, e metta os seus quartinhos onde nem o diabo os cheire...

— Então, Roque, tão depressa te enfadaste d'uma cruz pintada? então ella não é mais leve, que o não ter dinheiro?

— Apague-me isso, já lh'o disse... e deixe-se de cantigas, que eu não estou bom para as aturar!

— Homem, não tens de que te queixar, senão de ti mesmo, e de tua má cabeça. Eu não te aviseï de que breve te havias de enfastiar de cruzes? E tu não disseste que isso corria por tua conta? Assim o quizeste assim o tens; a culpa é tua.

— Pois sim, mas partiram-me a cabeça!... respondeu o pobre rapaz a chorar.

— Partiram-te a cabeça?! Deixa cá vêr!... Valha-te Deus! eu bem dizia que tinhas a cabeça dura, e só a poder de muito malhar é que aprenderias a viver...

E o caridoso sacerdote, depois de lhe haver pensado a ferida, mandou-o embora, não sem lhe fazer primeiro um bom sermão sobre a submissão á vontade de Deus.

E o caso é que Roque aprendeu tão bem a sua lição, que quando lá uma vez ou outra, mais falto de paciencia e mais aborrecido com os seus poucos haveres, desejava ser rico, punha um dêdo no sitio da cabeça descabellado pela pedra, e dizia comsigo e seus botões:

— Lembra-te, Roque, que por causa do dinheiro, te iam fazendo em cacos o pobre e triste caco... deixa-te de tolices, que o gato escaldado de agua fria tem mêdo!

Apanhaste da outra vez, queres-te vêr n'outra?!...

Anda, tem juizinho, tem juizinho! e conforma-te com que Deus de ti dispôz!

(Tr. do hispanhol).

CULTO DE S. ANTONIO

Restituição prodigiosa

Refere uma conscienciosa revista allemã o facto seguinte, succedido ha poucos mezes ainda.

Uma manhã a senhora X*** deu por falta da quantia de 1$400 francos, que possuia em notas de banco. E' facil comprehender qual seria o seu assombro e desolação.

A principio julgou que unicamente se tinham perdido dentro de casa; mas, pesquizando todos os cantos e remechendo por todos os moveis, veio a conhecer que o dinheiro tinha sido roubado. Sua antiga creada estava fóra de toda a suspeita. Quem seria, pois, o auctor do furto? perguntava ella a si mesma centos de vezes ao dia.

Fazia todas as supposições possiveis, observava escrupulosamente todas as pessoas, que lhe pareciam suspeitas, mas... trabalho perdido.

Dous mezes se passaram, sem que a victima do roubo alcançasse sequer algum esclarecimento. Já ia entregar-se á paz e socego da resignação, quando ouviu uma de suas amigas falar lhe de S. Antonio e dos prodigios innumeraveis que Deus operava por sua intercessão.

Foi como um raio de luz que a veio esclarecer.

Desde então sentiu-se reanimar de uma secreta esperança, e prometteu a S. Antonio cincoenta francos para os pobresinhos, se, com o seu auxilio, chegasse a recuperar o dinheiro roubado.

Não se pôde mais conter; como christã que era, começou logo uma novena ao Santo, que rematou com uma fervorosa communhão para melhor merecer a sua protecção.

N'este mesmo dia, vinha da igreja e sentia-se como penetrada d'um inexplicavel sentimento de confiança. Chega a sua casa, (residia então n'uma casa de campo) abre a porta do jardim, e, apenas entrou n'elle, seus olhos caíram sobre um rôlo de papeis mettidos entre as flôres. Sem lhes dar apreço algum, ia continuar seu caminho, mas sentiu se impellida a examinal-os.

Curva-se, toma o embrulho de papeis, começa a desenrolar, e... encontra dentro doze notas de banco no valor de cem francos cada uma!

Comprehende-se facilmente, qual seria a commoção d'esta senhora deante d'uma prova tão extraordinaria como brilhante da intervenção de S. Antonio.

Mas o prodigio não estava ainda completo. Faltavam duzentos francos para recuperar toda a quantia roubada.

Apenas entrou em sua casa, foi lhe annunciado pela creada, que uma de suas amigas insistia em lhe querer falar immediatamente, e que porisso a esperava com anciedade.

Entra na sala, e ao primeiro lance de vista, mesmo sem lhe ter vindo ao pensamento suspeitar da visitante, descobre pela impressão de seu rosto, que era ella a auctora do furto. Esta commoção causou-lhe um certo estremecimento externo, que não pôde reprimir e que foi logo percebido pela visitante.

«Sim, exclamou esta, fui eu que roubei o vosso dinheiro!» E a estas palavras cae de joelhos deante da victima do roubo

«Eu tinha, continúa, uma urgente necessidade de dinheiro; e não pude resistir á tentação. Supplico-vos, pois, que me perdoeis, como Deus me ha de perdoar, porque estou de todo o coração arrependida. Não me deshonreis. Os duzentos francos que faltam, já os gastei; mas prometto restituil-os, se me concederdes algum tempo mais. Perdão! perdão! espero o vosso perdão para me ir confessar.»

Que ajuntar a esta simples narração d'um prodigio tão recente, como rigorosamente verdadeiro? Que S. Antonio faça recuperar o dinheiro perdido ou roubado, vêmol-o quasi todos os dias. Porém, além da restituição, provocar a confissão do crime e obter o arrependimento e a expiação espontanea do culpado, é chegar ao auge de todas as graças.

E' o caso de repetir: os favores de S. Antonio ultrapassam a expectativa d'aquelles, que depozeram n'elle sua confiança.

Novos membros da Pia União. — Inscriptos até 15 de setembro:

Arcebispado de Braga		18
S. Martinho de Sande	16	
Villa Verde	2	
Patriarchado de Lisboa		17
Ribeira de Santarem	17	
Diocese de Coimbra		105
Santa Catharina da Serra	26	
S Simão de Sitem	41	
Sebal Grande e proximidades	38	
Diocese do Porto		3
Teixeiró	3	
Varias partes		74
Associados do numero passado		136:068
Total dos associados		136:285

BRAGA

Em agosto: cartas entradas 77, sendo 46 petições e 31 de acção de graças:

GRAÇAS A SANTO ANTONIO

Meu glorioso Santo Antonio. — Envio vos a pequenina offerta de 300 réis para o pão dos vossos pobesinhos pela graça que por vossa intercessão me fizestes a mim e aos meus tres educandos, que propuz este anno para exame de instrucção primaria do 2 ° grau, que dariamos tal esmola se elles ficassem approvados no dito exame, o que graças a Deus e a vós glorioso Santo todos os tres ficaram e com boa classificação. Seja por tudo Deus louvado e bemdito para sempre. — *J. A. Guerra.*

— Remetto quatro mil réis para o pão dos pobres de Santo Antonio. D'esta maneira cumpro, com todo o gosto, uma promessa feita ha tempos ao milagroso padre Santo Antonio. — *O Parocho P. J. D. Rocha.*

— Meu bom advogado e milagroso Santo Antonio. — Muitas graças vos dou pelo bom resultado dos exames dos meus filhos e rogo-vos continueis a protegel-os e a toda a minha familia; envio-vos para o pão dos pobresinhos 1$200 réis. Tambem envio mais 300 réis pela intenção e promessa da vossa humilde devota. — *H.*

— Meu milagroso Padre Santo Antonio. — Penhorado pela grande graça que por vosso intermedio acabo de receber de Deus, venho por este meio agradecer-vos o grande serviço prestado a uma tão insignificante creatura, enviando dentro d'esta cartinha a esmola de 5$000 réis que vos prometti para soccorro dos vossos pobresinhos. — *Povoa de Lanhoso.* — *A. N.*

— Meu querido Santo Antoninho. — Venho por este meio agradecer-vos uma graça que vos dignastes conceder-me; é a seguinte: D. M. A. da C., de Chaves, minha intima amiga, esteve gravemente doente, sem esperanças nenhumas de vida; recorri a vós, meu querido Santinho, e ella recuperou a saude perdida; hoje está verdadeiramente curada e é a alegria de seus bondosos paes. Acceitae, Santinho bemdito, estes meus agradecimentos e sêde meu protector perante Jesus e Maria. — *A. J. C.*

— Meu glorioso Santo Antonio. — Muito grato pelo beneficio que de vós recebi, envio vos, como vos prometti a quantia de 500 réis para o pão dos vossos pobres. Augmentae a minha fé re-

ligiosa, protegei-me sempre e eu serei um dos mais accerrimos propagadores do vosso culto. — *Vosso devoto. — José.*

— Meu querido Santo Antonio. — Envio vos 200 réis para o pão dos vossos pobresinhos em cumprimento da promessa que vos fiz, se eu ficasse bem no meu exame de instrucção primaria. Mas a quem é que eu devo esta grande graça? Só a vós, meu grande Santo, pelo vosso valimento junto do SS. Coração de Jesus a quem tanto amo. Agradeço vos, Santinho de tantos milagres, esta graça com toda a minha alma, com todo o meu coração, com todas as minhas forças e vontade de vos ser dignamente agradecido e ao meu muito amado Jesus. Nunca deixeis de me proteger em toda a minha vida. — *Um menino que deseja viver para Jesus.*

— Meu glorioso Santo Antonio. — Venho hoje, como vos prometti, cumprir a minha promessa enviando-vos 300 réis para os vossos pobresinhos, e muito vos agradeço a graça temporal que me alcançaste de Nosso Senhor; e agora peço vos, meu milagroso Santo Antonio, que me alcanceis de Nosso Senhor as graças espirituaes que vós sabeis me são necessarias, principalmente uma graça espiritual que tanto vos tenho pedido; pedi muito a Nosso Senhor esta graça e eu nunca me hei de esquecer dos vossos pobresinhos; peço-vos que me abençoeis e a toda a minha familia. — *Uma vossa devota.*

— Meu Santo Antonio. — Agradeço-vos o favor que me fizestes, quando, estando na ultima necessidade, em 6 dias me veio uma esmola e o que tinha precisão para alimentar a familia. Agradeço e louvo a Santo Antonio; e, tendo promettido uma esmola para o pão, assim como uma esmola dada na Sé para as almas, tudo cumpri já. — *Vossa devota. — L. P. A.*

— J. G. Tavares envia 2$200 para serem lançados na caixa do pão de Santo Antonio. Esta quantia, e mais uma nova assignatura que tambem envio, paga adiantadamente por 2 annos, são promessas que fiz a S. Antonio, por algumas graças que alcancei do glorioso e milagroso Santo em circumstancias afflictivas, mórmente na doença que prostrou meu chorado sogro, que na vespera do fallecimento, pediu os soccorros da Igreja, os quaes se obstinava em não querer receber na occasião do delirio. — *Thomar.*

— Bemaventurado Padre Santo Antonio! — Eu vos agradeço do fundo d'alma e summamente reconhecido a graça que vos pedi e que vos dignastes conceder-me. Continuae, gloriosissimo Santo, a proteger-me e a todos os meus, que tanto necessitam do vosso auxilio e protecção. Nunca vos esqueçaes d'este vosso servo e devoto. Aqui vos offereço 4$500 réis para o pão dos vossos pobresinhos, como vos tinha promettido.

Desposorios de S. Francisco com a Santa Pobreza

— Oh! meu querido Santo Antonio. — Eu vos agradeço a graça que me fizestes, ouvindo-me no pedido que vos fiz; e como vos prometti uma esmola para os vossos pobres, se obtivesse a dita graça, vos remetto 1$000 rs., e peço vossa protecção para sempre quando a vós recorrer; tomae-me á vossa divina conta, não me deixeis perder e valei-me em todas as afflicções. — *Vossa indignissima serva Anna da C. A.*

— Meu caro protector, Santo Antonio. — Ficando bem no meu exame d'instrucção primaria, logo vos levei a pequena quantia que vos prometti; e hoje de novo vos agradeço tantos favores, pois só vós me ajudastes; continuae a guiar meus passos n'esta carreira da vida, até que um dia nos vejamos no céo. — *A. A. B.*

— Meu amado Santo. — Agradeço-vos todos os favores e beneficios que me tendes feito, e envio-vos 500 réis que vos prometti pela graça que me alcançastes. Continuae a proteger-me e ao José, e alcançae-nos que sejâmos todos de Jesus e Maria -- *Vossa devota.* — *J. J. F.*

— Meu glorioso Santo Antoninho. — Agradeço vos do fundo d'alma, a graça que me fizestes de ficar distincta no meu exame de Instrucção primaria; tudo me correu como eu desejava. Ahi vos remetto 200 réis, para o pão dos vossos pobresinhos; e continuae glorioso Santo a proteger-me como até aqui, que eu serei sempre vossa devota d'aqui para o futuro. — *M. A. A. C. M.*

— Meu glorioso Santo Antonio. — Agradeço-vos a graça que me fizestes de ficar bem no meu exame, e vos peço que nunca me desampareis; que eu prometto de hoje para o futuro ser sempre vossa devota: Ahi vos remetto 200 réis para o pão dos pobresinhos. — *L. R. da S.*

— Glorioso S. Antonio. — Agradeço-vos do coração quanto fizestes em meu favor. Como Vós sabeis, já dei ha tempos, para os Vossos probresinhos, as esmolas que vos prometti. Perdoae-me a demora que tem havido, da minha parte, n'esta publicação. Espero me continueis a proteger; e, eu farei quanto possivel me fôr, em beneficio dos Vossos pobresinhos. —*Vosso assignante O. I. T.*

— Meu amiguinho S. Antonio. — Quem não ha de sempre recorrer a Vós? Ha poucos mezes que ouvi queixar uma pobre mulherzinha, com uma dôr de cabeça, que ora lhe dava de mez em mez, ora de semana em semana, e até ás vezes alguns dias a seguir. Já tinha usado de bastantes remedios mas tudo debalde. Eu, como me demorei uma temporada, na casa da padecente, (por assim me ser necessario) e vendo que a pobre mulher, pouco mais fazia do que contorcer-se com dôres, disse-lhe: Tenha muita fé em Santo Antonio, que é quem a ha de sarar. Assim succedeu. Prometteu ao Santo dos milagres uma esmola para os seus pobresinhos; e, já são passados perto de cinco mezes, e a dôr ainda não voltou. Ahi vos mando 500 réis para os pobresinhos, que a tal pessoa me deu para vos enviar. Peço-vos me ajudeis sempre. — *O. J. T.*, assignante. — *Cerva.*

— Meu glorioso Santo Antoninho. — Agradeço-vos do fundo do meu coração a graça que me fizestes de ficar bem no meu exame d'instrucção primaria. Meu glorioso Santo nunca me desampareis em todo o tempo da minha vida, que eu vos serei fiel até á morte e cumprirei a humilde promessa que vos prometti. — *A. J. C.*

— Meu glorioso Padre S. Antonio. — Dou-vos graças pelo beneficio que me fizestes de me tirardes uma dôr de cabeça que todos os dias me mortificava; e remetto 500 réis que vos prometti para o pão dos vossos pobresinhos. — *M. I. Leite.*

— Meu glorioso Santo Antoninho. — Agradeço-vos do intimo do meu coração a graça que me fizestes de ficar bem no meu exame de instrucção primaria; tudo me correu como eu desejava, em vista d'isso eu vos remetto 200 réis para o pão dos vossos pobresinhos; e continuae, meu glorioso irmão, a proteger-me no futuro, que eu vos prometto ser sempre vossa devota. — *M. G. N.*

— Meu glorioso Santo. — Estão finalmente concluidos os negocios que eu tanto vos recommendei. Muito obrigada, meu grande Santo, pela especial protecção com que me assististes.

Ahi vão os 3$000 réis que vos prometti para o pão de vossos pobresinhos. Acceitae-os, que vol-os offereço do coração, e abençoae esta vossa devota. — Lisboa. — *M. E. A.*

— Meu glorioso Santo Antonio. — Humildemente prostrada a vossos pés, eu vos rendo infinitas graças, por terdes attendido as minhas supplicas. Animada de uma viva fé, eu vos supplico pelo amor de Jesus Christo, que continueis a soccorrer-me e a toda a minha familia, nas nossas necessidades espirituaes e temporaes e eu vos faço voto de todos os annos n'esta data, vos enviar um bocadinho de pão para os vossos pobresinhos. Vou pedir-vos mais uma graça: auxiliae os meus filhos para que obtenham uma boa classificação nos seus exames. Para satisfazer as minhas promessas eu vos envio 800 réis para os vossos pobres. — *Uma vossa associada muito devota e crente* — *M. C.*

— Meu Santo Antonio — Agradeço-vos as graças que me alcançastes, em particular o ser bem succedido no que eu tanto receiava, por isso já vos dei o que prometti. Se fôr para gloria de Deus e salvação de minha alma, eu vos peço mais a graça que vós sabeis, e juntamente mais alguns pedidos, que eu continuarei com a minha esmola para os vossos pobres; eu vos peço tambem que tomeis á vossa conta o que tanto desejo.

Eu vos peço isto se fôr para minha salvação e de meus filhos, filhas e marido

— A. A. C. agradece a Santo Antonio a graça de ser promovido ao Subdiaconato, tendo lutado com varias difficuldades para conseguir receber esta Sagrada Ordem.

— Um grande devoto e afilhado de Santo Antonio, e assignante da «Voz» desde o seu principio, confessa-se devedor ao Santo Thaumaturgo de grandes e singulares favores. Entre outros o seguinte: Uma menina, orfan de pae e bem longe da dôce companhia de sua mãe, vivia como filha em casa d'uma desgraçada mulher, sem honra nem consciencia, onde sua innocencia e virtude corria grande perigo. Vendo isto aquelle devoto, emprehendeu para logo tiral-a d'ali e leval-a para sua casa; como isto, porém, era em extremo difficil, apressou-se a recorrer ao Santo dos milagres, que pelo seu ardente amor á pureza, e por amor de Jesus Menino que tem nos braços, o auxiliasse na empreza, ajudando-o a tirar a menina d'aquella tão má companhia, pois ella mesma tinha desejos de ir para companhia d'elle e de suas manas. Conseguiu alcançar o seu desejo; mas veio logo um irmão da menina, mandado por sua mãe, leval-a para casa d'esta. Não desanimou o fervoroso devoto de Santo Antonio: redobrou de de fervor nas suas orações ao Santo, e escreveu á mãe da menina, pedindo-lhe a deixasse ir para casa d'elle, pois elle, caso ella a cedesse para sempre, se promptificava a educal-a e dotal-a, como filha. A mãe mostrou se ainda por algum tempo renitente; mas Santo Antonio persuadiu-a por fim, e agora já a menina vive em casa do seu des-

velado protector, onde é muito feliz e se prepara, com grande fervôr e alvoroço, para fazer a sua primeira communhão. O fervoroso devoto satisfez logo a Santo Antonio o que lhe promettera: uma missa por alma do pae da dita menina e 260 réis para o pão dos pobresinhos de Santo Antonio. — *J. A. Marques.*

— M. E. P. d'Almeida (Lourinhã) envia 1$000 réis, pedindo as melhoras de um seu filho. Tem muita fé em que o milagroso Santo accederá a seu pedido, concedendo-lhe as melhoras de seu estremecido filho.

BRAGANÇA

GRAÇAS A SANTO ANTONIO

Meu glorioso Santo Antonio. — Bem sabeis, meu glorioso Thaumaturgo, a causa de não ter vindo mais cedo dar publicidade aos milagres que tendes feito a vossos devotos; ainda assim, se algum descuido me cabe, peço-vos me perdoeis, porque estava fazendo acquisição de mais alguma esmola para o pão dos vossos pobresinhos, enviando hoje o que pude obter; é pouco, mas de tão bôa vontade offertado, que sem duvida lhes dareis cento por um. Envio-vos uma cruz de oiro, no valor de 1$500, da vossa devota Idalina, que a prometteu, para ser vendida a favor dos pobresinhos se lhe conseguisseis a entrada para um convento; e com tanta sorte que já lá está ha 3 mezes, tendo a casa o titulo de *Collegio de Santa Antonio.*

Veio entregar-m'a e pedir-me que lhe publicasse esta graça no vosso jornal. Oh! quanto vos devem os vossos devotos! Aproveito este ensejo para publicar mais outra graça recebida, e é a cura d'aquella menina que recorreu ao vosso patrocinio, e que obteve a melhora radical dos seus padecimentos; prometteu 500 réis para o pão dos pobres, e offereceu-vos uma cabra, e bem assim os cabritos que podesse dar, tudo para o pão dos vossos pobres; os 500 réis vão hoje tambem reunidos a outras esmolas, e a cabra continúa a tel-a em casa, e pede-me para que rogue aqui que a acceiteis, porque é vossa, e quer que renda muito para os pobresinhos.

Meu bom Santinho: rogo-vos intimamente que não vos esqueçaes de mim, que tanto necessito do vosso favor e protecção; esclarecei o entendimento d'aquellas pessoas que me téem causado tantas amarguras, e feito chorar tantas lagrimas. Encommendo-vos o meu querido Brazil; estão lá os meus cuidados. Peço-vos pelas pessoas minhas verdadeiras amigas, especialmente uma: obtende-lhe graça para servir a Deus, e encaminhae sua alma para o seu fim; ella necessita tanto de vós! Não vos esqueçaes, meu Santo Antonio, d'aquella outra que tanto bem me tem feito; dae-lhe saude, se assim lhe é conveniente. Encaminhae os meus negocios temporaes, para assim cumprir a minha ultima promessa, que não designo, porque vós bem a sabeis. Lá do céo em que viveis, protegei-me sempre; confio tudo de vós, Santo da minha alma. Beijo reverentemente os vossos pés, e sou sempre—*vossa indigna filha T. J. Granja.*

— Meu glorioso Santo Antonio. — Venho hoje aos vossos pés penetrada do mais vivo reconhecimento, render-vos as minhas acções de graças pelos beneficios que fizestes ao meu irmão, concedendo-lhe a saude e collocação, como desejava. Em prova da minha gratidão a tantos beneficios, envio 500 réis para os vossos pobresinhos, e publico estas graças que me tendes feito, aqui no vosso jornal, para maior honra e gloria vossa; e vos supplico de novo continueis a proteger-nos, fazendo prosperar os nossos interesses, para podermos de novo soccorrer os vossos pobres. — *A vossa indigna devota. — R. M. (Recolhimento de Mofreita).*

— Meu glorioro Santo Antonio. — Uma vossa devota remette 500 réis que prometteu para o pão dos vossos pobresinhos por lhe terdes livrado da morte um animal que muito estimava. — *F. P. (Villa Nova).*

PENICHE

Snr. Redactor da «Voz de Santo Antonio».

Venho dar a V. noticias da nossa pia obra o *Pão de Santo Antonio.* Graças a Deus, tem prosperado muito mais do que esperavamos, attendendo á pobreza d'esta terra, e ao sem-numero de devoções que aqui existem. De janeiro ao fim de junho, entrou esmolas particulares e o que se encontra no cofre, fôram 56$780 réis, quantia fabulosa para esta terra, e que nos fez romper em acções de graças a Nosso Senhor e ao grande thaumaturgo Santo Antonio. Gastou-se em pão 31$375, resta-nos em caixa 24$405 réis, que, com as esmolas que se fôrem tirando, reservamos para no inverno darmos com mais generosidade o pãosinho de Santo Antonio aos pobres; por isso resolvemos suspender n'estes 3 ou 4 mezes de verão a distribuição do costume; temos muita pena de nos vêrmos obrigados a esta suspensão, mas não ha outro remedio. Digne-se o glorioso Santo Antonio continuar a distribuir-nos as suas graças e a valer-nos nas grandes necessidades espirituaes e temporaes com que nos vêmos a braços n'esta villa, especialmente conservando e dando vida e saude ao nosso digno Parocho, que é aqui a alma de todo movimento catholico, e inspirando aos devotos de Santo Antonio muitos desejos de soccorrerem os pobresinhos. — *Sou etc. — I. T.*

GRAÇAS A SANTO ANTONIO

Meu glorioso Santo Antonio. — Venho agradecer-vos a grande graça que me fizestes. Peço-vos que continueis a proteger-me e a meu marido, e nos leveis para o céo, e seja para honra e gloria vossa e salvação de nossas almas. Ahi vos envio a esmola que vos prometti para o pão dos vossos pobresinhos. — *Vossa indigna serva e devota, e assignante da «Voz». — M. J. C.*

— O' glorioso S. Antonio. — Aqui vos remetto a quantia de 500 réis para o pão dos vossos pobres, em reconhecimento pelas melhoras de meu marido. — *M. J. M.*

— Meu milagroso Santo Antonio. — Sendo vós um protector sempre sollicito em conceder immensas graças a quem com fé vos supplica, e sendo eu uma das favorecidas e attendidas no